

GLACI TERESINHA BURDA

PROF^a ORIENTADORA: NEUSA G. P. DE CARVALHO

A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO AUDITIVA PARA O DESENVOLVIMENTO
DA LINGUAGEM NO DEFICIENTE AUDITIVO

Monografia de Conclusão do Curso de
Especialização em Educação Especial,
apresentada à Universidade Federal
do Paraná

CURITIBA

1986

S U M Á R I O

	Página
I INTRODUÇÃO.....	1
II DESENVOLVIMENTO.....	2
1. ESTIMULAÇÃO AUDITIVA.....	2
2. OBJETIVOS DA ESTIMULAÇÃO AUDITIVA.....	3
3. MEIOS PARA A ESTIMULAÇÃO AUDITIVA.....	4
4. A LINGUAGEM.....	7
5. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM AUDITIVA.....	8
6. O ENSINO DA LINGUAGEM PARA O DEFICIENTE AUDITIVO..	9
III-CONCLUSÃO.....	13
IV-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

INTRODUÇÃO

A preocupação com o deficiente auditivo vem aumentando cada dia mais. Questionamentos surgem quanto a métodos, formas de ensino, atitudes diante da criança deficiente da audição.

A compreensão social e as perspectivas ocupacionais dos surdos estão melhorando.

Tempos passados os deficientes auditivos eram tido como ineducáveis, devido à grande importância dada à audição e linguagem.

Hoje sabe-se que o deficiente auditivo tem plenas condições de desenvolver a fala e a linguagem para se comunicar, basta dar-lhes condições para tal.

A necessidade de comunicação surge nos primeiros meses de vida e desde esta idade começa a ser criada a base da linguagem que será estruturada segundo a quantidade e qualidade de estímulos recebidos.

Sendo assim, procura-se abordar neste estudo a importância da linguagem para o deficiente auditivo, como é o seu processo de desenvolvimento por meio da estimulação, para que a criança surda possa compreender, se expressar e, conseqüentemente, estar ajustada ao ambiente natural em que vive.

•

II. DESENVOLVIMENTO

1 ESTIMULAÇÃO AUDITIVA

Pela privação da audição, o deficiente auditivo encontra-se na impossibilidade de servir-se espontaneamente dos estímulos sonoros para o desenvolvimento da linguagem, desta forma deve-se construir sua linguagem som por som.

Ele tem todo um potencial a ser desenvolvido para a aquisição da linguagem, necessitando apenas de um modelo e constante estimulação para que se processe tal aprendizagem.

Se a criança tiver alguma audição residual, todas as tentativas devem ser feitas no sentido de tirar proveito disso. Após terem sido efetuados exames otológicos e audiométricos, caso haja qualquer audição residual útil, os aparelhos corretivos devem ser usados e o treinamento deve iniciar-se de imediato.

A criança deve ser criada num ambiente em que ocorra a fala. Esforços especiais devem ser desenvolvidos para reforçar tanto as reações da criança aos sons quanto suas vocalizações espontâneas.

Se os pais olharem para a criança, se aproximarem dela, atenderem a suas necessidades e brincarem com ela quando chorar, murmurar sons e gorgolejar, ela tenderá a repetir sua vocalização.

A criança com uma deficiência auditiva precisa do mesmo tipo de oportunidade de aprendizagem e compreensão da fala que a criança normal, porém necessita de maior número delas. Situa-

ções especiais talvez tenham que ser criadas para enfatizar a relação entre os sons vagamente ouvidos e as pistas visuais para seus significados, através de referências concretas a pessoas, objetos, atividades e situações.

Quando o tratamento voltado para a maximização do uso de sua audição residual e de seu potencial para a fala é também combinado com um bom programa de treinamento, a maioria das crianças com deficiências auditivas pode ingressar na escola como crianças falantes.

O lar é o local em que começa o treinamento auditivo, a leitura labial e a aprendizagem da fala. (O'NIELL, 1964).

Sem estímulo a fala em geral não existe, porque não há conteúdo para comunicação.

Devemos então dar maior atenção em assistir a criança surda a ganhar experiências específicas a serem associadas às palavras.

2 OBJETIVOS DA ESTIMULAÇÃO AUDITIVA

- Por a criança em contato com o mundo sonoro que a rodeia, fazendo com que se habitue aos fonos e vibrador (posteriormente prótese otofônica).

- Desenvolver atitudes positivas fazendo a comunicação oral, estimulando-a através de várias fontes.

- Solicitar a participação da criança surda, dando-lhe oportunidade de convivência com crianças ouvintes e também de adultos.

- Estimulá-la o mais cedo possível mediante um trabalho polissensorial, para que a criança se manifeste através de ati-

vidades espontâneas criativas.

- Estimular a percepção auditiva na criança, fazendo-a permanecer sentada, deitada ou em pé, no tablado vibratório usando o grito ou percebendo a ausência e presença de som.

- Detectar precocemente aqueles déficits que possam influir desfavoravelmente na vida futura da criança, evitando-lhe frustrações e fracassos.

- Estimular a fala através de movimentos amplos.

- Estimular a fala através de percepção de fonemas de baixa frequência.

- Estimular a fala espontânea.

- Desenvolver o controle postural, praticando exercícios de psicomotricidade grossa/fina.

- Iniciar a prática de atividades da vida diária.

3. MEIOS PARA A ESTIMULAÇÃO AUDITIVA

3.1. ESTRUTURAS RÍTMICAS

Na reabilitação de crianças surdas, denomina-se este processo de estímulos musicais ou ritmo ou rimas infantis.

Sabe-se que as crianças que ouvem usam seus jogos, pequenas estruturas rítmicas que, às vezes, até elas mesmas inventaram. Deste modo, elas brincam e treinam a sua fala.

Esse surgimento espontâneo de rimas infantis na fala, dentro de um ritmo musical, foi aceito como um meio de estimular a fala da criança surda e também para a correção. Outra razão para o uso do ritmo e rimas infantis é de que o ritmo de uma rima infantil pode ser percebido com facilidade por

ritmo determinado e nós sabemos que o ritmo se transfere por intermédio de frequências baixas.

Ao ser introduzido o ritmo e rimas infantis, pode-se corrigir o ritmo, a entonação, o registro, o timbre ou um determinado som da fala de uma criança.

3.2. MÚSICA

A música na reabilitação da criança surda tem vários objetivos como:

- a) estimular o ritmo da fala;
- b) dar à criança o sentido de companheirismo, respeito e amizade para com os colegas e professores;
- c) fazer com que a criança sinta alegria e gosto pela música, sempre de uma forma agradável.

3.3. BANDINHA RÍTMICA

É um complemento das aulas de música, pode ser dado para as crianças maiores.

Tem por objetivos:

- a) estimular a expressão espontânea, desenvolvendo a consciência da melodia;
- b) desenvolvimento do controle motor, da atenção e da disciplina, estimulando a autoconfiança na criança;
- c) incentivar o trabalho em grupo.

3.4. MOVIMENTO E FALA

A estimulação do movimento do corpo tem uma função importante na reabilitação da fala e da audição porque os órgãos do aparelho fonoarticulatório de uma criança deficiente auditiva estão preparados para funcionar, só não funcionam pela falta de estimulação. Não existem diferenças fisiológicas ou psicológicas a nível de fala da criança surda e da criança normal. Elas se desenvolvem igualmente até o período do reflexo, dos movimentos musculares subconscientes, até a fase da primeira vocalização. A criança surda, não tendo possibilidade de ouvir sua própria voz, não encontra feedback de repetição e variação desta. Neste ponto, a criança com problemas de audição cessa seu desenvolvimento da fala. Por esta razão é tão importante encontrar a maneira adequada para criar tal estímulo.

Todo indivíduo desenvolve sua fala através de movimentos globais de todo o corpo.

Estimula-se através de macromovimento um pequeno e delicado movimento dos órgãos articulatorios que pode-se variar em intensidade (sua dinâmica), em entonação e tempo (seu ritmo).

Desta maneira, progressivamente, diferencia-se a fala dos movimentos do corpo. A fala sempre dependerá do estado do corpo.

Pode-se dividir a estimulação através de movimentos do corpo:

- a) para estimular sons específicos;
- b) para estimular a fonação;
- c) para a correção de sons específicos;
- d) para corrigir a pronúncia e percepção de palavras e

4 A LINGUAGEM

A linguagem pode ser definida como um sistema arbitrário e símbolos que em conjunto possibilitam a uma criatura humana, com poderes limitados de discriminação e memória, transmitir e compreender uma variedade infinita de mensagens apesar de ruídos e da distração.

Para exteriorizar as emoções relacionadas com a dor, o perigo, o amor, a alegria, a fome, o homem utilizou-se da linguagem.

O processo evolutivo da linguagem tem sido lento desde suas origens até à constituição das diversas línguas com suas características próprias. A evolução da linguagem está ligada às manifestações das atividades nervosas do homem.

Durante os primeiros anos de vida, o ser humano adquire a linguagem falada, passando do balbúcio à fase pré-linguística, em que começa a estabelecer relação entre a palavra e o objeto, marcando sua entrada no mundo socializado e estruturado pela comunicação.

A aquisição da linguagem não tem início até ser atingido um certo nível de maturidade física. Na idade de dois a três anos a aquisição da linguagem aparece pela interação da maturação e da aprendizagem autoprogramada, e as possibilidades de aquisição da linguagem continuam bem até a idade de mais ou menos 14 anos. Após esta idade o cérebro se comporta de uma maneira fixa, e as possibilidades de acomodação declinam. Existe uma correlação clara entre as fases de maturação cerebral e o início e declínio gradual da aprendizagem da linguagem.

Fala e linguagem são comunicação, estão baseados na necessidade emocional de se expressar um com os outros, sentimen-

tos e desejos. É importante que cada atividade providencie uma situação que a criança possa também relatar.

As atividades de linguagem devem providenciar:

- a) resposta emocional;
- b) resposta verbal;
- c) expressão psicológica;
- d) sensação agradável;
- e) níveis apropriados de sintática e semântica;

A linguagem é um dos característicos básicos do ser humano. Da integridade da estrutura psicossomática em seus aspectos ligados ao problema da linguagem é que vai resultar o funcionamento normal, a linguagem sem tropeços.

5 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM AUDITIVA

A criança não aprende primeiro a ler; ela aprende a compreender e a usar a palavra falada.

Os estágios do desenvolvimento na aquisição da linguagem auditiva podem ser esquematizados da seguinte maneira:

- 1 - Linguagem Interna: do nascimento até 9 meses.
- 2 - Linguagem Receptiva: dos 9 até 12 meses.
- 3 - Linguagem Expressiva: 12 meses até 7 anos.

A criança primeiramente adquire experiências significativas. Ela não aprende primeiro as palavras e depois o sentido; significação e experiência precedem a aquisição de palavras para simbolização, a **linguagem interna**. Quando a linguagem interior estiver estabelecida em grau mínimo, a criança começa a compreender. Agora ela pode internalizar a palavra de uma forma rudimentar de acordo com a norma para este símbolo em sua cultura. No começo, ela pode fazer isto somente com pa-

lavras que simbolizam experiências básicas, tais como comer e funções motoras. Este processo de relacionar as palavras que recebe auditivamente com as experiências, é a base da **linguagem receptiva**. À medida que a linguagem interior aumenta, a linguagem receptiva é ampliada.

Após ter estabelecido um mínimo das linguagens interior e receptiva, a criança começa a utilizar expressivamente a palavra falada.

As primeiras palavras faladas pela criança, assim como sua linguagem receptiva inicial, são corretas, nomes de objetos ou atos específicos. O uso da palavra falada para relatar experiências a outros constitui a base da **linguagem expressiva**, pode ser efetuada somente depois que a compreensão tenha sido estabelecida.:

A base fundamental de toda a linguagem é a **experiência**, e uma experiência significativa precede a aquisição de um simbolismo verbal.

6 O ENSINO DA LINGUAGEM PARA O DEFICIENTE AUDITIVO

Em nossa época, depois de terem sido usados vários métodos - mímica e datilologia - chegou-se à utilização de métodos essencialmente científicos que permitem aos surdos a aquisição da linguagem oral. Agora, os surdos são levados a reconhecer os ruídos, os sons, o ritmo, a duração e a frequência dos sons (criando o senso auditivo), os sons fonéticos, palavras e frases, chegando à reeducação auditiva e à aquisição da linguagem, com o emprego de amplificadores sonoros cada vez mais aperfeiçoados.

Por outro lado, por meio da fonética, são levados a to-

mar consciência da articulação correta dos fonemas, palavras e frases, obtendo uma boa pronúncia. Com a ajuda da leitura labial, conseguem melhor percepção da linguagem. Pode-se observar que um surdo, para adquirir a linguagem oral, passa por todas as etapas que percorre a criança normal. Obviamente, o processo de percepção é mais lento.

Quanto mais tarde a criança começar a se utilizar de amplificadores sonoros, com mais dificuldade ela vai chegar a formar pistas de reconhecimento, necessitando muito mais de outras fontes de informação. Naturalmente, a criança deficiente auditiva vai se apoiar na pista visual, isto é, movimentação da fala, expressão facial, gestos, situações em que ocorre a fala.

"Na nossa experiência, quando uma criança surda pára de usar sua voz, sua qualidade natural jamais poderá se recuperar." Por esta razão, a criança surda, desde muito pequena, deverá continuamente ser encorajada a empregar a voz quando deseja dirigir a atenção de seu ambiente para suas necessidades. *"Se os sons naturais e agradáveis são estimulados de maneira a serem repetidos, dia após dia, se fixarão na mente da criança... e finalmente...resultarão automáticos e servirão como uma base natural para o desenvolvimento da linguagem."* (Irene EWING,1943).

De acordo com EWING & EWING, dever-se-ia oferecer ao lactente surdo, do mesmo modo que ao ouvinte, canto, música e ruídos cotidianos, para resultarem numa vivência diária. Devido à sua deficiência auditiva não os percebem claramente e, por meio do ritmo, os notam. Uma primeira medida para a educação auditiva seria a fala e o canto ad concham. Se possível, antes que a criança aprenda a caminhar, também o ensino da leitura labial, uma vez que a criança ao poder caminhar, não se interessa mais em primeiro lugar pelos outros, mas sim pelo que está ao seu re-

dor. Deve-se falar devagar e de frente para a criança.

No segundo e terceiro ano de vida, a criança deverá ser estimulada para imitar sons e depois as primeiras palavras. Levá-la a reconhecer as expressões sonoras e levar à criança sua própria percepção. Objetos simples sonoros, que as crianças possam manipular, são nesta etapa uma valiosa ajuda para a educação auditiva.

É importante que nesta etapa se apresente à criança sempre a linguagem normal e com ritmo de fala normal, e que, a cada palavra nova, seja dado o seu significado.

Do terceiro ano em diante começa a educação auditiva planificada no jogo.

Nesta fase, o objetivo da educação da fala é triplo. As crianças deverão penetrar na compreensão linguística através da combinação de ouvir e ver, de tal forma que aprendam a compreender não só as palavras soltas, mas também, as frases inteiras. Ampliar continuamente o vocabulário da criança e transmitir-lhe novas vivências. As crianças devem ser estimuladas a usar espontaneamente as palavras que compreendam, na medida do possível, em pequenas orações.

O papel dos pais é de fundamental importância nos primeiros anos de aprendizagem da criança, bem como os profissionais que atuam junto ao trabalho de reabilitação, devem estar dirigindo seu apoio tanto para a criança como para os pais, procurando uma melhor maneira de ajudar seu desenvolvimento num ambiente natural. O incentivo dos pais, irmãos e amigos é fundamental.

A linguagem espontânea, utilizada em situações naturais nas quais sirva a uma finalidade e seja significativa, com atenção, aceitação e compreensão dos demais, funcionando como

fala pela criança com um prejuízo auditivo, exatamente da mesma forma que para os não deficientes. O sucesso em ensiná-la a usar a fala depende de toda a família, das características da própria criança e do uso de recursos e auxílio especializados. Contudo, de todos esses fatores, o mais importante é a atitude dos pais diante da criança e de sua deficiência (EWING & EWING, 1958).

III. CONCLUSÃO

Este estudo teve como problema especial a relação da estimulação auditiva no desenvolvimento da linguagem do deficiente auditivo.

Conclui-se que a criança deficiente da audição necessita de cuidados especiais que deverão ser iniciados o mais precocemente possível, uma vez que os órgãos fonoarticulatórios devem se preparar para o uso da fala, evitando que esta se torne arrastada, sem ritmo e muitas vezes quase que ininteligível. Se a perda auditiva for grande, ela adquirirá rapidamente graves defeitos de articulação, tornando-se incompreensível e de reabilitação mais longa.

Sabe-se que a criança quando nasce, embora apresente os órgãos da audição em perfeito estado, não tem ainda compreensão auditiva. Ela aprende a interpretar sons que existem à sua volta, à medida que ocorram situações diárias.

Portanto, a criança surda, apesar de apresentar resíduos auditivos, deve ter situações de audição multiplicadas, deve-se propiciar a ela condições para que aprenda a ouvir e interpretar os sons, em um amplo trabalho de estimulação auditiva.

Como o portador da deficiência auditiva se vê privado de muitas experiências e oportunidades de aprender o que as crianças ouvintes usufruem naturalmente quanto à audição, dificulta-se a aquisição da linguagem. Necessita-se de todo um processo de estimulação sonora para a aprendizagem da fala e discriminação dos sons, baseando-se sempre em experiências concretas, que sejam vivenciadas e reforçadas pela criança surda.

Este trabalho de estimulação necessita de muito empenho

o movimento do corpo, a música, a dança, prótese auditiva e muitas experiências significativas, para assim desenvolver a linguagem para a comunicação oral.

E, para a aquisição da linguagem, faz-se necessário passar por todos os estágios deste processo para se chegar à compreensão e expressão.

Este objetivo só será alcançado se houver empenho da família na reabilitação do deficiente auditivo e também dos profissionais envolvidos na atividade, pois este interesse demonstrado e a perseverança já serão um grande estímulo e um passo positivo para o desenvolvimento do portador da deficiência, podendo este reduzir suas frustrações, comunicar-se e, em consequência, assumir seu papel dentro da sociedade.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Brasil. Proposta Curricular para o Deficiente Auditivo. Brasília, 1981. v.1, p. 16 - 9
- CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Atividades e Recursos Pedagógicos para os Deficientes da Audição. RJ, 1983. p.7
- COUTO, Alpia. Origens da Linguagem. Caderno Educação. 3(12) : 10-7, abr/jun.1984.
- CRESA. Metodologia Verbotonal. Ritmo Corporal para Crianças Deficientes da Audição. Curitiba, 1981. v.4.
- DORIA, Ana Rimoli de Faria. Manual de Educação da Criança Surda. RJ, Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1961, p.46-50.
- HEYE, Jurgen W.B.. Aspectos da Aquisição da Linguagem. Caderno Educação. 5 (19): 3-11, jan/mar.1967.
- LENNEBERG, C.. Linguagem: Seu início e maturação. Trad. de: Biological Foundation of Language. New York, 1967, cap.4 2p. mimeografadas.
- MYKLEBUST, Helmer R.. Linguagem e seu Desenvolvimento. Trad. de: The Psychology of Deafnes, cap. 9.14 p. mimeografadas.
- HELANDEL, E. Treinando o Deficiente na Comunidade. 1980. ptB, Caderno II, p.3-5.

Corrigir as referências